

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Investigações conceituais, filosóficas, históricas e empíricas da psicologia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

162 Investigações conceituais, filosóficas, históricas e empíricas da psicologia / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-621-8

DOI 10.22533/at.ed.218202311

1. Psicologia. 2. Filosofia. 3. História. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150.1

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A psique sempre esteve envolvida em articulações de vários campos de saber. De um lado, tivemos a Filosofia e a Teologia rondando, esclarecendo e mascarando os mistérios da interioridade humana. De outro, tivemos a medicina avaliando e medicalizando sofrimentos que não eram visíveis.

Mas tudo mudou com a virada para o século XX. Da Psicologia Experimental de Wundt à Psicanálise de Freud, o novo século abraçou a emergência de novos olhares para a interioridade humana.

Pensando nessa multiplicidade de olhares, a coleção “Investigações Conceituais, Filosóficas, Históricas e Empíricas da Psicologia” tem por objetivo reunir parte dessa diversidade e apresentar aos leitores a possibilidade de articulação que o saber psicológico estabelece nos dias atuais.

Contamos nessa edição com 16 capítulos. Nos Capítulos de 1 a 3 encontramos articulações psicanalíticas abordando os conceitos do sonho, inconsciente, pulsão, sexualidade, assim como uma visão sobre o cutting no adolescente, por um viés psicanalítico.

Os Capítulos de 4 a 6 abordam o sujeito humano por um viés mais cultural, trazendo idéias da subjetividade na pós modernidade, e estudos sobre o envelhecimento e uma aplicação da Teoria Histórico- Cultural.

Desviando de aspectos mais amplos para mais específicos, os Capítulos 7 a 11 discorrem sobre o ponto de vista comunitário. Encontramos desde as preocupações com Saúde mental, promoção de bem estar na comunidade, a atuação em triagens e encaminhamentos, até a reflexão sobre autoestima de estudantes e a expressividade de pacientes em aquarelas.

Nos Capítulos 12 e 13 encontramos um trabalho estabelecendo possibilidades terapêuticas a partir do Cinema e da abordagem Comportamental, assim como um breve panorama sobre a observação de comportamento. E encerramos com os Capítulos 14 a 16 com um olhar sobre a Psicometria, na utilização do HTP (desenho da árvore) para compreender quadros depressivos, escalas relacionando personalidade e valores interpessoais e fatores que condicionam pacientes com Transtornos Mentais a uma alimentação saudável.

Espero que apreciem a leitura e que esta lhes abra o horizonte para novas articulações.

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

OS SONHOS FONTE INESAGÁVEL DO SER HUMANO: UM OLHAR DO TRABALHO CLÍNICO

Olga Gálvez Murillo

Ruth Vallejo Castro

María Vianney Álvarez Gálvez

DOI 10.22533/at.ed.2182023111

CAPÍTULO 2..... 15

A PULSÃO EM FREUD: DA COMPLEMENTARIDADE DOS SEXOS À CONDIÇÃO BISSEXUAL

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.2182023112

CAPÍTULO 3..... 24

UMA HIPÓTESE PSICANALÍTICA SOBRE A ETIOLOGIA DO CUTTING EM ADOLESCENTES

Antonio Augusto Pinto Junior

Claudia Henschel de Lima

Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

Amanda Carneiro Emmerich

Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.2182023113

CAPÍTULO 4..... 35

LA SUBJETIVIDAD EN EL MARCO DE LA METAMODERNIDAD: LA INCESANTE OSCILACIÓN DEL SER

José Jonatán Torres Ferrer

DOI 10.22533/at.ed.2182023114

CAPÍTULO 5..... 44

LA PSICOLOGIA DEL ENVEJECIMIENTO: ANALISIS DEL DESARROLLO DE LA PSICOGERONTOLOGIA EN AMERICA LATINA Y EL CARIBE

Nicolás Cisternas Sandoval

DOI 10.22533/at.ed.2182023115

CAPÍTULO 6..... 57

DA AÇÃO À ATIVIDADE: A IMPORTÂNCIA DO SENTIDO, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA APLICANDO A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Silvane Maria Pereira Brandão

Vanessa Milani Labadessa

DOI 10.22533/at.ed.2182023116

CAPÍTULO 7	65
CUIDADO EN SALUD MENTAL: DESDE LO RELACIONAL E INTERCULTURAL. APUNTES PARA REPENSAR LA PSICOLOGÍA SOCIAL COMUNITARIA	
Tanya Taype Castillo	
DOI 10.22533/at.ed.2182023117	
CAPÍTULO 8	76
DA PSICOLOGIA À INOVAÇÃO SOCIAL: PROMOVENDO O BEM-ESTAR DA COMUNIDADE	
Emilio-Ricci	
DOI 10.22533/at.ed.2182023118	
CAPÍTULO 9	90
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CENTRO DE TRIAGEM E ENCAMINHAMENTO AO MIGRANTE – CETREMI	
Maria Elisa de Lacerda Faria	
Thamyres Ribeiro Pereira	
Lídia Carolina Rodrigues Balabuch	
Sylvio Takayoshi Barbosa Tutya	
DOI 10.22533/at.ed.2182023119	
CAPÍTULO 10	105
AUTOESTIMA COMO EXPRESSÃO DE SAÚDE MENTAL: UM ESTUDO COM DISCENTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFMA – CAMPUS ALCÂNTARA	
Rita de Cássia Gomes da Silva	
Letícia Chagas da Silva	
Álvaro Itaúna Schalcher Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.21820231110	
CAPÍTULO 11	115
ESTUDANDO SIMBOLOS E FORMAS DAS AQUARELAS NO CAPS II: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE MOSSORÓ	
Camila Gabrielly Fernandes de Souza	
Maria Aridenise Macena Fontenelle	
DOI 10.22533/at.ed.21820231111	
CAPÍTULO 12	126
CINEMA TERAPIA PARA SESSÕES PSICOTERÁPICAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES	
Ana Gabriela Hoernig	
DOI 10.22533/at.ed.21820231112	
CAPÍTULO 13	152
BREVE HISTÓRICO SOBRE A OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO NA PSICOLOGIA	
Bruna Borges-Costa	
André de Carvalho-Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.21820231113	

CAPÍTULO 14.....	158
O DESENHO DA ÁRVORE NA COMPREENSÃO DA DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES Rita de Cassia de Souza Sá Helena Rinaldi Rosa Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo DOI 10.22533/at.ed.21820231114	
CAPÍTULO 15.....	171
PERSONALIDAD Y VALORES INTERPERSONALES DE LOS JÓVENES DEL DEPARTAMENTO DE HUÁNUCO – PERÚ Edith Haydee Beraún Quiñones DOI 10.22533/at.ed.21820231115	
CAPÍTULO 16.....	181
AVALIAÇÃO DOS FATORES QUE CONDICIONAM A AQUISIÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS EM PESSOAS COM TRANSTORNO MENTAL GRAVE (TMG) ABORDAGEM QUALITATIVA NA PERSPECTIVA DA PRIMEIRA PESSOA E DE PROFISSIONAIS Mireia Vilamala-Orra Cristina Vaqué-Crusellas Ruben del Río Sáez DOI 10.22533/at.ed.21820231116	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	193
ÍNDICE REMISSIVO.....	194

CAPÍTULO 12

CINEMA TERAPIA PARA SESSÕES PSICOTERÁPICAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Data de aceite: 01/10/2020

Ana Gabriela Hoernig

Bacharel em Psicopedagogia e graduanda em Psicologia e Pedagogia – Universidade La Salle

CL: <http://lattes.cnpq.br/9289522876602129>

RESUMO: O presente trabalho aborda a cinema terapia como recurso terapêutico em sessões psicoterápicas com crianças e adolescentes. O objetivo geral do trabalho é usar filmes como ferramenta para realizar a psicoterapia. Os objetivos específicos do trabalho são identificar os transtornos abordados nos filmes assistidos e identificar filmes para os diferentes transtornos psicológicos apresentados pelos pacientes. O trabalho consiste em uma revisão de literatura e a metodologia é de natureza qualitativa. Para encontrar estudos que tratam do assunto abordado, foi realizada uma pesquisa em plataformas acadêmicas como Scielo e Lilacs, com os seguintes termos descritores: terapia cognitivo-comportamental, psicoterapia e cinema-terapia. Foram utilizados os artigos selecionados, bem como autores da Psicologia, como Aaron Beck que escreve sobre a Terapia Cognitiva Comportamental, sendo esta a abordagem mais adequada para desenvolver o tema. Podemos concluir que os objetivos propostos foram encontrados. Vários filmes foram assistidos o que permitiu a identificação de transtornos e dificuldades. É possível indicar

o filme ao paciente ou assistir no consultório juntamente com ele, neste caso pode-se assistir cenas do filme que tratam do problema trazido pelo paciente. Foram identificados transtornos e dificuldades nos personagens dos filmes e foi possível identificar filmes para alguns transtornos psicológicos e dificuldades apresentados pelos pacientes. Pode-se assim trazer uma contribuição para os futuros psicólogos e para aqueles que já estão atuando.

PALAVRAS - CHAVE: Cinema terapia; psicoterapia infantil e juvenil; Terapia Cognitiva Comportamental.

ABSTRACT: The present paper deals with cinema therapy as a therapeutic resource in psychotherapy sessions with children and adolescents. The general objective of this work is to use movies as a tool to perform psychotherapy. The specific objectives of the work are to identify the disorders covered in the watched movies and to identify movies for the different psychological disorders presented by the patients. The work consists of a literature review and the methodology has a qualitative nature. To find studies that deal with the subject addressed, a search was conducted on academic platforms such as Scielo and Lilacs with the following descriptors terms: cognitive behavioral therapy, psychotherapy and cinema therapy. Selected articles were used as well as authors of Psychology, such as Aaron Beck who writes about Cognitive Behavioral Therapy, which is the most appropriate approach to develop the theme. We can conclude that the proposed objectives were found. Several movies were watched which allowed the identification of

disorders and difficulties. It is possible to indicate the movie to the patient or watch it in the office together with him or her, in this case one can watch selected scenes from the movie that deal with the problem brought by the patient. Disorders and difficulties were identified in the characters of the movies and it was possible to identify movies for some psychological disorders and difficulties presented by the patients. Thus, it is possible to bring a contribution to future psychologists and also to those who are already working.

KEYWORDS: Cinema therapy; child and youth psychotherapy; Behavioral Cognitive Therapy.

1 | INTRODUÇÃO

A relevância deste trabalho relaciona-se com a abordagem em destaque para a utilização de filmes nos tratamentos psicoterápicos em que se pretende desenvolver fundamentado na teoria de autores que tratam sobre o assunto de terapia cognitiva comportamental, psicoterapia e cinema-terapia. Dessa forma, o enfoque do presente trabalho refere-se à terapia cognitiva comportamental no papel de coadjuvante na cinema terapia à partir de sessões psicoterápicas com crianças e adolescentes.

Sabe-se que a psicologia é o estudo do comportamento humano, de forma que a terapia cognitiva comportamental (TCC), além de estudar o comportamento das pessoas, também se relaciona com a psicologia cognitiva, que estuda os processos mentais que influenciam o comportamento de cada indivíduo e o desenvolvimento intelectual. A psicoterapia é um tratamento que acontece quando terapeutas analisam seus pacientes através de seu comportamento, percebendo como atendê-los depois das primeiras sessões.

Tem-se como concreto que as pessoas têm conflitos, angústias, medos e diversas situações que as levam a procurar atendimento psicológico. Também é verdade que as pessoas buscam outras alternativas para aliviar suas dores e seus anseios, podendo ser o cinema uma dessas formas. Talvez por isto, a indústria cinematográfica tenha percebido esta demanda e têm-se uma oferta de muitas produções que se aproximam das realidades dos pacientes.

Desta forma, este estudo justifica-se, ao procurar apresentar e discutir brevemente a cinema-terapia como tratamento coadjuvante no atendimento de pacientes em psicoterapia e, conforme Rocha, Oliveira e Gonçalves (2016, p. 30) “a cinema terapia ou uso de filmes durante o processo psicoterápico torna-se ponto de discussão importante no manejo clínico.”

Entende-se que esta abordagem pode ser feita com base na terapia cognitiva comportamental. A escolha pela terapia cognitiva comportamental também acontece por abranger a psicoeducação, sendo possível atender crianças e adolescentes e tentar entender como estes pensam e como é o seu comportamento quando se deparam com seus conflitos. Também é importante buscar desenvolver o tema escolhido com a visualização de filmes em tratamento psicoterápico com crianças e adolescentes, a fim de descobrir se os filmes indicados aos indivíduos influenciam em seu atendimento psicoterapêutico.

Conforme é afirmado por Minayo (2016, p. 16): “É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.” Para Minayo (2016, p. 16): “Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta e por uma dúvida.” Assim, o problema que se buscará responder é se é possível utilizar a cinema terapia como forma de tratamento complementar para o atendimento psicoterápico de crianças e adolescentes com dificuldades de relacionamentos.

Neste trabalho temos como temática a cinema terapia para o tratamento psicoterápico a partir da abordagem da terapia cognitiva comportamental. A cinema terapia terá papel auxiliar no tratamento realizado pelo profissional da psicologia. Para desenvolver este estudo temos como objetivo geral: *Usar filmes como ferramenta para realizar a psicoterapia* e como objetivos específicos: *Identificar os transtornos abordados nos filmes assistidos e Identificar filmes para os diferentes transtornos psicológicos apresentados pelos pacientes.*

2 | A PSICOTERAPIA

A psicologia tem como objeto de estudo o comportamento humano e os psicólogos atuam em diversas áreas. Em todas as possibilidades de atuação este profissional busca auxiliar seus pacientes a resolver seus problemas, suas dificuldades, superar anseios, vencer traumas, conviver com situações adversas com as quais se depara, pois conforme Krech e Crutchfield (1980, p. 520):

Ninguém pode viver sem se defrontar com dificuldades. Elas são inerentes à natureza humana e à vida. O adolescente que se aventura precisa aceitar os riscos e as promessas inerentes a todas as aventuras. O jovem que luta para tornar realidade as suas potencialidades correm o risco de enfrentar desapontamentos e frustrações. Quanto mais empreendedor ele for, mais provável será que seja obrigado a enfrentar escolhas, relativas a problemas atuais e a problemas futuros que envolvam conflitos entre motivos opostos existentes dentro do seu próprio eu.

Em contrapartida, as pessoas querem viver bem, ter uma vida melhor nas suas circunstâncias em que vive. Geralmente o ser humano quer ser feliz e quer ser aquela pessoa que é descrita por Jersild (1977, p. 527), ele menciona que:

A pessoa emotivamente madura não têm reações radicais, se mostra moderada e se mantém dentro de certos limites, não atua impulsivamente não dá mostras irrestritas de pena de si mesma, suporta tensões, tem autocontrole de suas emoções. Significa ter capacidade de empregar os seus recursos emotivos para obter satisfação das coisas agradáveis, experimenta contrariedades, aceita e compreende o significado do medo sem precisar usar falsas máscaras de coragem. É capaz de conseguir o que a vida tem para oferecer, mesmo que isto signifique possibilidades de ganhar ou perder, de sentir alegrias ou experimentar sofrimentos.

E assim as pessoas vivem querendo buscar um equilíbrio entre o sofrimento e a felicidade. Conforme mencionam Krech e Crutchfield (1980, p. 293) “Uma vez que a angústia é um estado doloroso, ela leva à adoção de medidas que tragam alívio. Um dos modos de se buscar alívio para o sofrimento que o indivíduo experimenta é enfrentar a dor, aprender alguma coisa dela, atravessá-la, ir de encontro a ela” e isto pode ser feito com a ajuda de terapeutas. Neste sentido os psicólogos podem auxiliar as pessoas no sentido de saírem de suas dificuldades e que procuram viver melhor. Então é importante lembrar que:

os objetivos do paciente, e não os dos outros (incluindo o terapeuta), constituem o foco inicial do tratamento. Na medida em que os esquemas do paciente são o agente e a meta da mudança terapêutica, o terapeuta pode trabalhar com o paciente de modo a desenvolver a confiança para se deixar guiar pelo terapeuta e trabalhar tanto nos sintomas quanto no esquema. (BECK; FREEMAN e DAVIS, 1993, p. 5).

Estes profissionais têm suas atribuições e atendem quem os procuram em sessões para realizar um tratamento psicoterápico. Desde o primeiro encontro com os pacientes é preciso haver clareza sobre todos os assuntos tratados, é preciso haver confiança no terapeuta por parte do paciente. O terapeuta, por sua vez, precisa se prevenir pois há pacientes que podem oferecer riscos, como os suicidas. Em todos os casos no início do tratamento o objetivo primeiro deve ser estabelecer acordos, uma aliança terapêutica sólida, identificar as razões da procura pela psicoterapia e compreender os conflitos do sofrimento e também o paciente e o terapeuta, conduzida por este último, buscar formalizar a parte prática do contrato de trabalho. (SANTEIRO, ROCHA e BARBOSA, 2014).

As pessoas que procuram o profissional da psicologia trazem seus motivos para esta procura. Caso não saibam o porquê de sua procura, cabe a este terapeuta auxiliar e conduzir para que se chegue ao motivo que levou o paciente a procurar atendimento psicológico. Deste modo, segundo Cória-Sabini (1998, p. 18):

Para entender o comportamento de um indivíduo particular, em qualquer etapa do seu desenvolvimento, é necessário conhecer não apenas as mudanças cognitivas, sociais, emocionais e biológicas que ocorrem, mas também qual o impacto que cada uma delas pode ter sobre todas as outras.

Os pacientes na sua grande maioria têm noção das mudanças que estão ocorrendo com eles. Pode haver pacientes que não têm esta consciência como aqueles com alguns transtornos ou muito jovens, neste caso o psicólogo deverá auxiliar para que haja entendimento sobre estas mudanças.

Quando pessoas procuram um terapeuta, as mudanças que foram mencionadas anteriormente continuam a ocorrer, mas as demandas que elas têm para serem resolvidas, como um trauma do passado e neste caso elas procuram o atendimento psicológico, assim deve se buscar superar a situação e seguir para o que Wood escreve, ele diz que:

O processo de psicoterapia envolve mudanças no *self* e o paciente progride de uma fase em que o *self* está incongruente com a experiência, para outra fase em que o percebe como objeto, para outra ainda em que o *self* é sinônimo de experiência, tornando-se a consciência subjetiva dessa experiência. (1995, p. 114).

Wood escreve sobre a mudança terapêutica e as condições que precisa haver para a mudança ocorrer. As condições devem estar de acordo com o contrato terapêutico e precisam ser levadas em conta por ambos, tanto o psicólogo como o paciente. Wood (1995, p. 159-160) menciona que as condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica são:

Que duas pessoas estejam em contato psicológico;

Que a primeira, o paciente, esteja num estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa;

Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integrada na relação;

Que o terapeuta experiencie consideração positiva incondicional pelo cliente;

Que o terapeuta experiencie uma compreensão empática do esquema de referência interno do paciente e se esforce por comunicar esta experiência ao paciente;

Que a comunicação ao paciente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelo menos num grau mínimo.

O psicólogo tem diversas formas para realizar a psicoterapia, que pode ser a psicanálise, a abordagem centrada na pessoa, a logoterapia ou análise existencial, a psicologia individual, psicologia humanista e a terapia cognitiva comportamental. Escolhemos a terapia cognitiva comportamental para atender os objetivos de nosso trabalho, porque de acordo com Lima *et al.* (2019, p. 12) possibilita novas formas de atuação “proporcionando uma ferramenta eficaz para mudança de padrões comportamentais, melhor compreensão das próprias questões, ganhos ao possibilitar a reflexão sobre novas formas de enfrentamento e tomada de decisões.”

3 | A TERAPIA COGNITIVA COMPORTAMENTAL

Esta terapia, como todas as outras, busca a melhora do paciente. Na terapia cognitiva comportamental o terapeuta, a partir do diagnóstico específico ou da análise da situação individual, constatando as peculiaridades de cada caso, estabelece os objetivos para o tratamento e usa métodos que podem variar de um paciente para outro. Com a aplicação

da terapia cognitiva comportamental, de acordo com Beck, Freeman e Davis (2017, p. 27) “Es particularmente interessante observar que cuando las intervenciones conductuales eran eficaces, se lograban cambios amplios en muchos aspectos de la vida de los pacientes.”

Esta terapia deve ter comprovação empírica que é feita apoiada nas experiências vividas, na observação de coisas, por isto deve ser feito um acompanhamento minucioso do tratamento. Para Beck (2014, s/p) a TCC tem componentes que podem ser “foco na ajuda aos pacientes para solucionarem problemas, tornarem-se comportamentalmente ativos e identificarem, avaliarem e responderem ao seu pensamento depressivo, especialmente pensamentos negativos sobre si mesmos, seu mundo e seu futuro.”

A terapia cognitivo comportamental, ou TCC, tem sido referenciada por diversos autores (PUREZA *et al.*, 2014; BECK, 2014; MARBACK e PELISOLI, 2014; BECK, FREEMAN & DAVIS, 2017; CARDOZA *et al.*, 2018) como uma terapia adequada para os encaminhamentos e processos de tratamentos de pacientes. Velela *et. al.* (2019, p. 339) mencionam que:

Uma das possibilidades explicativas para a o efeito expressivo da Terapia Cognitiva Comportamental no tratamento em longo prazo se dá pelo seu caráter psicoeducativo. Por meio do ensino de novas habilidades, os pacientes passam a gerenciar melhor seu humor e, portanto, apresentam benefícios cognitivos e comportamentais que são sustentados além do término da psicoterapia.

Assim os profissionais de psicologia em sua atuação podem fazer uso de diversas formas de tratamento quando prestam atendimento aos seus pacientes. Uma das dessas formas que foi a escolhida para ser tratada nesse trabalho é a Terapia Cognitiva Comportamental. De acordo com Beck, Freeman e Davis (1993, p. 59) “Precisamos ter em mente que não existem técnicas puramente cognitivas ou comportamentais.” Uma técnica utilizada pelos psicólogos que fazem uso da Terapia Cognitiva Comportamental é a psicoeducação, que tem função na orientação de diversos aspectos como as consequências de um comportamento ou na construção de valores e como os sentimentos interferem na vida da pessoa. Nogueira *et al.* (2017, p. 118) escrevem que “as intervenções psicoeducativas colaboram para que as pessoas se sintam mais motivadas a ajudar uma as outras que vivenciam experiências parecidas, no que abrange as dificuldades e sofrimentos compartilhados.” A psicoeducação é uma técnica que pode complementar o tratamento, segundo Marback e Pelisoli (2014, p. 128) “Torna-se importante aliar o processo terapêutico a outras estratégias, também fundamentais ao tratamento [...] como ações no âmbito familiar, social e profissional do indivíduo, sempre as direcionando a favor da sua saúde mental.” De acordo com Beck (2014, s/p) “o terapeuta procura produzir de várias formas uma mudança cognitiva – modificação no pensamento e no sistema de crenças do paciente – para produzir uma mudança emocional e comportamental duradoura.”

Sobre a psicoeducação pode se notar que ela tem uma importância para a Terapia

Cognitiva Comportamental tanto individual quanto em intervenções grupais. No tratamento individual podemos trabalhar com os diversos tipos de transtornos psicológicos e no atendimento em grupo podem ser compartilhadas experiências, com também a diminuição de crenças inadequadas e assim melhorar a funcionalidade psicológica e social dos pacientes a partir de sua autonomia, do seu lazer e das suas relações. Nogueira *et al.* (2017) considera que juntamente com a Psicoeducação, pode-se utilizar tarefas de casa tanto para os/as pacientes quanto para os familiares, ou seja, utilizando materiais com científicas nas informações, livros, artigos, filmes de acordo com gostos e interesses das pessoas a serem psicoeducadas e que possa auxiliar na aquisição de aprendizagens e na continuação do processo terapêutico.

A Terapia Cognitiva Comportamental é uma técnica que é colocada em prática com pacientes adultos também serve para o atendimento de crianças, neste caso é chamada Terapia Cognitiva Comportamental Infantil. Quando o psicólogo atende crianças precisa ser ainda mais atencioso com o planejamento de seu atendimento, neste sentido, Fiorini, Gastaud e Ramires (2019, p. 4) afirmam que “um tratamento em que o terapeuta ativamente estrutura a sessão e se comporta de maneira didática, buscando auxiliar a criança a manejar os seus sentimentos e modificar distorções em suas crenças.”

A Terapia Cognitiva Comportamental Infantil trabalha a auto regulação por parte das crianças como também de ensinar elas a obterem o auto controle do que sente e de como se comportar. Uma técnica utilizada nesse tipo de terapia é a ludoterapia. Pureza *et al.* (2014, p. 91) destacam que:

No caso da Terapia Cognitivo Comportamental Infantil, algumas técnicas e recursos podem ser utilizados no processo de conceitualização e diagnóstico, como desenhos, brinquedos, jogos e outros. Deve-se levar em conta qual a forma de acesso cognitivo é mais eficaz com determinado paciente.

A ludoterapia é uma técnica da Terapia Cognitiva Comportamental que tem como foco a abordagem infantil. Ela se baseia no fato de que brincar é um meio natural de auto expressão da criança. Fiorini, Gastaud e Ramires (2019) confirmam que os dados encontrados reforçaram que as psicoterapias de crianças, ao menos as psicodinâmicas, tendem a ser mais integrativas. Além das crianças, a TCC pode ser aplicada com todas as faixas etárias. Sobre isto Pureza *et al.* (2014, p. 100) mencionam que:

Além de ser de fundamental importância para a promoção da resiliência em uma fase inicial da vida, que pode garantir um desenvolvimento saudável ao longo do ciclo vital, o trabalho cognitivo comportamental com crianças e adolescentes é dinâmico, estimula a criatividade e é extremamente gratificante. Nesse contexto, o terapeuta cognitivo da infância e adolescência deve exercer sua prática com sensibilidade e criatividade, com a certeza de que cada criança é um ser único e especial e que o trabalho na infância pode contribuir significativamente para o enriquecimento clínico e pessoal do profissional.

O terapeuta ao estimular a criatividade pode trazer vários fatos da vida do paciente ao trabalhar com o mesmo durante a sessão e isto pode ajudar a vencer dificuldades e traumas. Mas não são apenas as crianças e adolescentes que podem gostar de sessões diferenciadas e dinâmicas, os adultos e até mesmo os idosos podem ficar mais à vontade na sessão. Por este motivo concordamos com Marback e Pelisoli (2014, p. 127) quando escrevem que:

É preciso buscar aumentar a quantidade de tempo dedicado à realização de atividades prazerosas, assim se propicia o empenho do paciente com seus ambientes, aumentando possibilidades de reforços positivos e prazer, bem como engajamento em outras situações mais complexas. O aprimoramento da rede social de apoio nesse momento torna-se fundamental, já que o paciente necessita do fortalecimento de relações com pessoas próximas para melhor resultado no tratamento.

Desta maneira para o trabalho do psicólogo ter um bom andamento, é necessário como já foi mencionado, que ele tenha um bom planejamento, pois como mencionam Marback e Pelisoli (2014, p. 125) “Um terapeuta com características ativas e assertivas, que acredite no tratamento e tenha um plano de ação é ponto importante para gerar mudança nas cognições, nas emoções e nos comportamentos do paciente” e isto é importante para qualquer abordagem ou técnica que o terapeuta adote. Além disto segundo Beck e Freeman (1993, p. 59) “A arte da terapia envolve o judicioso uso do humor, anedotas, metáforas e autorrevelação das experiências do terapeuta, além das técnicas cognitivas e comportamentais convencionais.”

4 | A CINEMA TERAPIA

O cinema é uma atividade prazerosa de lazer, há muito tempo as pessoas frequentam cinemas para assistir filmes e atualmente isto pode ser feito em casa, pois há muitas possibilidades de acesso a esta atividade. Provavelmente os filmes sempre influenciaram pessoas e mais recentemente isto tem sido objeto de estudo conforme mostra a literatura e muitos estudos (ARANTES, 2014; ROCHA, OLIVEIRA e GONÇALVES, 2016; BATISTA, 2016; SANTEIRO, BARBOSA e SOUZA, 2016) mostram a importância dos filmes nos processos psicoterápicos.

Os filmes em geral, tem uma linguagem acessível e o conteúdo é contextualizado, de acordo com a realidade. Além disso, pode gerar reações emocionais e afetivas no espectador, algo que sabidamente facilita o processo de aprendizado e memorização de diversas situações que podem ser benéficas para quem assiste. Para Heidemann *et al.* (2012) ao assistir alguns filmes profissionais de psicologia passam a rever as posturas de seus pacientes sendo retratado em algumas cenas. Ainda segundo este autor os filmes passam a ser um material valioso para estes profissionais pois eles passam a analisar as cenas dos filmes e comparar elas com seus atendimentos aos pacientes.

A essência dos fenômenos humanos é transmitida nos filmes de uma maneira menos rígida que alguns procedimentos científicos e assim podem ter influência no estado emocional do espectador (HEIDEMANN *et al.*, 2012). Assim sendo, segundo Lima *et al.* (2019, p. 3):

A cinema terapia como proposta de intervenção, tem características, vantagens, efeitos terapêuticos, objetivos, indicações e contraindicações que fazem com que essa ferramenta seja utilizada nas diversas áreas da psicologia, principalmente na Terapia Cognitivo Comportamental.

A psicologia através de suas teorias visa possibilitar o tratamento dos pacientes. Este processo pode ser feito de muitas maneiras, a Terapia Cognitiva Comportamental, fazendo uso de cinema terapia poderá colaborar para a solução de muitos problemas apresentados pelos pacientes e inclusive buscar a cura destes pacientes com estas teorias e a prática da cinema terapia. Sabemos que, conforme escreve Rose (2015, p. 351) “o conteúdo, contudo, nunca vem sozinho.” Então o uso de filmes como complemento do tratamento psicoterápico deve ser planejado, com estudo prévio dos filmes e acompanhamento atencioso ao paciente que assiste ao filme indicado pelo terapeuta.

5 | METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa básica, de caráter qualitativo. Conforme é afirmado por Minayo (2016, p. 16): “Entendemos por pesquisa a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo.”

Conforme é afirmado por Minayo (2016, p. 25): “A pesquisa é um trabalho artesanal que não prescinde da criatividade, mas se realiza fundamentalmente por um labor intelectual baseado em conceitos, proposições, hipóteses, métodos, e técnicas, que se constrói com um ritmo próprio e particular.” Desta maneira, além destes autores, partimos para a busca de outros trabalhos que pudessem auxiliar a desenvolver a temática pretendida.

Sabemos conforme Loizos (2015), que a imagem oferece um registro poderoso de ações, por isto entendemos que a cinema terapia pode ter muita influência nos processos psicoterápicos. Porém, não acreditamos ingenuamente em tudo que existe no mercado mas seleções cuidadosas dos filmes podem ser usadas para contribuir no tratamento dos pacientes.

Com uma questão de pesquisa a responder passamos a buscar estudos que respondam à nossa pergunta. Segundo Minayo (2016, p. 16): “A teoria é construída para explicar ou para compreender um fenômeno, um processo ou um conjunto de fenômenos e processos.” Por este motivo é que se pesquisou os assuntos com o uso de descritores terapia cognitiva comportamental, psicoterapia e cinema terapia. Os resultados encontrados encontram-se no quadro a seguir.

Plataforma	Natureza do Trabalho	Quantidade
SCIELO	Artigo	7
LILACS	Artigo	11
GOOGLE ACADÊMICO	Artigo	8
	Capítulo de livro	4
	Livro	5
	Monografia	1
BDTD	Dissertação	1

Quadro 1 – Plataformas consultadas

Fonte: autoria própria, 2020.

Após o exposto no quadro anterior passamos a uma apresentação dos resultados obtidos em cada plataforma. Conforme é afirmado por Minayo (2016, p. 25): “A pesquisa é um trabalho artesanal que não prescinde da criatividade, mas se realiza fundamentalmente por um labor intelectual [...]”. Então iniciamos a busca na plataforma Scielo. Abaixo o quadro com os trabalhos encontrados nesta plataforma.

SCIELO		
Descritores: Terapia cognitiva-comportamental; psicoterapia; cinema terapia.		
Título	Autores	Ano
Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva	Paulo Knapp; Aaron Beck	2008
Cine y psicoterapia: la complejidad ético-clínica A través de la lectura analítica de filmes	Irene Cambra Badifi; Juan Jorge Michel Fariña	2012
Efeito da terapia cognitivo-comportamental um ano após tratamento para adultos com transtorno depressivo maior	Gessyka W. Veleda; Mariane L. Molina; Ricardo A. da Silva Karen Jansen; Carmem Beatriz Neufeld; Luciano D. de M. Souza	2019
El legado psicanalítico en la terapia cognitiva de Aaron Beck	Guido Pablo Korman	2013
Terapia cognitivo-comportamental no manejo da desesperança e pensamentos suicidas	Roberta Ferrari Marback; Cátula Pelisoli	2014
Cinema e Psicanálise	Ana Lúcia Sampaio Fernandes	2005
Cinema Terapia como intervenção psicoterápica: Características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais	Vitor Hugo Sambati Oliva; Andrea Vianna e Francisco Lotufo Neto	2010

Quadro 2 – Trabalhos da plataforma SCIELO

Fonte: autoria própria, 2020.

Na sequência, passamos a busca em outra base de dados. A seguir está apresentado o quadro com os trabalhos encontrados na plataforma LILACS.

Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)		
Descritores: Terapia cognitivo-comportamental; psicoterapia; cinema terapia.		
Título	Autores	Ano
Efectos de la terapia cognitivo-conductual en la sobrecarga del cuidador primario de adultos mayores	Inocente Ismael García-Cardoza; Rosario Zapata-Vázquez; Valentina Rivas-Acuña; Elsy del Carmen Quevedo-Tejero	2018
Mercedes no Divã: da comédia ao uso didático na formação de psicoterapeutas	Tales Vilela Santeiro; Glaucia Mitsuko Ataka da Rocha; Leylane Franco Leal Barboza	2014
Comparando a Psicoterapia Psicodinâmica de uma menina com modelos de Psicoterapia Psicodinâmica e Terapia Cognitivo-Comportamental	Guilherme Pacheco Fiorini; Marina Bento Gastaud; Vera Regina Röhnelt Ramires	2019
Análise comparativa entre a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia do Esquema	Márcia Studer Ghisio; Lucas Lüdtkke; Carlos Eduardo Seixas	2016
Realidade virtual nas técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental: Transtornos de Traumas, Ansiedade e Depressão	Priscila Flores Prates; Alysson Oliveira Pacheco; Bruna Staevie dos Santos; Renan Meirelles da Silva; Raul Corrêa Ferraz; Silvio José Lemos Vasconcelos	2016
Família e Dependência Química Ilustradas no Cinema (2005-2014): Uma Perspectiva Psicodinâmica	Tales Vilela Santeiro; Vanessa Assis Menezes; André Amaral Bravin	2016
Cinema terapia: Uma proposta psicoeducativa baseada na Terapia do Esquema	Carolina Faria Arantes; Renata Ferrarez Fernandes Lopes	2016
O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica	Viviane Vedovato Silva Rocha; Maria Carolina Fontana Antunes de Oliveira; Fabiana Ferreira Guerrelhas Gonçalves	2016
Fundamentos e aplicações da terapia Cognitivo-Comportamental com crianças e adolescentes	Juliana da Rosa Pureza; Agliani Osório Ribeiro; Janice da Rosa Pureza; Carolina Saraiva de Macedo Lisboa	2014
O cinema no ensino da psicoterapia psicodinâmica	Cíntia V. C. Heidemann; Rachel Montagner; Miriam Brunstein; Cláudio Eizirik	2012
Terapia Cognitivo-Comportamental para bulimia nervosa crônica e severa: Estudo de Caso	Felipe Alckmin Carvalho; Rodrigo Fernando Pereira; Renata El Rafihi Fereira e Márcia Helena da Silva Melo	2019

Quadro 3 – Trabalhos na plataforma LILACS

Fonte: autoria própria, 2020.

O quadro 4, abaixo, mostra os resultados que foram encontrados de artigos na plataforma Google Acadêmico. Nesta plataforma encontra-se trabalhos de diferentes naturezas e agrupamos os mesmos em um único quadro demonstrativo.

Google acadêmico

Descritores: Terapia cognitiva-comportamental; psicoterapia; cinema terapia

Título	Autores	Ano
Cinema terapia como proposta de intervenção: uma revisão sistemática	Camila Ferreira Lima; Júlia Lopes Toledo; Marcela Burjaily Lizardo; Tatiana da Silveria Madalena	2019
Uma Análise do Comportamento Governado por Regras em Filmes Infantis: possíveis propostas de intervenção na Terapia Analítico-comportamental infantil	Elisa Pozzatto Batista	2016
Oficina de cinema como método terapêutico em um centro de atenção psicossocial (CAPS)	Suelen Dulce Franco; Felipe Miranda Barbosa; Guidie Elleine Nedochetko Rucinski	2019
Processo grupal mediado por filmes: Espaço e tempo para pensar a psicologia	Tales Vilela Santeiro; Fabíola Ribeiro de Moraes Santeiro; Aurélia Magalhães de Oliveira Souza; Ana Paula de Melo Juiz Lucas Rossato	2014
Cinematerapia: Uma proposta psicoeducativa baseada na Terapia do Esquema	Carolina Faria Arantes; Renata Ferrarez Fernandes Lopes	2016
Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem	Patricia Rossi Carraro	2015
Psicologia da educação	Vanessa Gosson Gadelha de Freitas Fortes	2012
Psicoterapeutas e processos psicoterapêuticos no cinema: diálogos psicanalíticos sobre formação profissional	Tales Vilela Santeiro; Lucas Rossato; Glauca Mitsuko Ataka da Rocha	2016
Terapias Cognitivo-Comportamentais: Analisando teoria e prática por meio de filmes	Bruno Luiz Avelino Cardoso; Janaína Bianca Barletta	2018
Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática [recurso eletrônico]	Judith S. Beck	2013
Princípios básicos da terapia cognitivo-comportamental	Jesse H. Wright; Monica R. Basco; Michael E. Thase	2000
Terapia do esquema: Modelo conceitual	Jeffrey E. Young; Janet Klosko; Marjorie Weishaar	2008
Terapia cognitiva de los trastornos de personalidad	Aaron T. Beck; Arthur Freeman; Denise D. Davis	2017
A importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: uma revisão sistemática	Carlos André Nogueira; Kelly Nunes Crisostomo; Rafaela dos Santos Souza; Jéssica de Macedo do Prado	2017
Cinema e Violência Contra a Mulher: Contribuições à Formação do Psicólogo Clínico	Tales Vilela Santeiro; Joice Veridiane Schumacher; Tatiana Machiavelli Carmo Souza	2017
Casos clínicos retratados no cinema: estudo de processos defensivos	Tales Vilela Santeiro; Leylane Franco Leal Barboza; Ludimila Faria Souza	2016
Introdução à Terapia Cognitivo Comportamental	Judith S. Beck	2013

Efeitos de variáveis sócio-econômicas e de variáveis na tarefa de desempenho de crianças na prova de classificação livre	Maria Aparecida Cória Sabini; Márcio Hernandez Gonzalez e Anna Maria Musiello	1984
--	---	------

Quadro 4 – Trabalhos na plataforma Google Acadêmico

Fonte: autoria própria, 2020.

Temos a seguir o quadro 5 onde consta os resultados da busca na plataforma da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Nesta plataforma encontramos apenas um trabalho para nossa pesquisa.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)		
Descritores: Terapia cognitiva-comportamental; psicoterapia; cinema terapia.		
Título	Autores	Ano
Cinema terapia: Uma proposta psicoeducativa segundo a teoria de Jeffrey Young-Dissertação-176 páginas	Carolina Faria Arantes	2014

Quadro 5 – Trabalho plataforma Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

Fonte: autoria própria, 2020.

A partir de nossa pergunta que é buscar responder se é possível utilizar a cinema terapia como forma de tratamento complementar para o atendimento psicoterápico de crianças e adolescentes com dificuldades de relacionamentos, pretende-se chegar a uma resposta satisfatória, responder adequadamente esta nossa pergunta. O levantamento dos trabalhos acima apresentados nos ajudaram a construir o referencial teórico e irão respaldar a continuidade do trabalho, pois de acordo com Minayo (2016, p. 17):

As teorias são explicações da realidade. Elas colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação; ajudam a levantar questões, a focalizar o problema ou as perguntas e a estabelecer hipóteses com mais propriedade; permitem maior clareza na organização dos dados e iluminam a análise dos dados, embora elas não possam direcionar totalmente essa atividade. Uma conclusão científica deve se beneficiar dos achados empíricos e trazer novidade como fruto de estudo. De outra forma não haverá originalidade e contribuição específica para a construção do conhecimento do objeto.

6 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 A terapia cognitiva comportamental fazendo uso da cinema terapia

Sabemos que os filmes fazem parte da vida das pessoas como lazer desde que o cinema surgiu. Os filmes estão presentes na vida da autora do trabalho desde a primeira

infância e eles eram selecionados de acordo com a idade e com conteúdo adequado, sempre tinham boas mensagens, de amizade, respeito, confiança e procuravam mostrar situações em que os personagens tentavam superar suas dificuldades.

Atualmente, em confinamento, a autora do trabalho logo recorreu aos filmes como uma das poucas possibilidades de lazer, vendo novos filmes e revendo filmes que já havia visto. Isto sempre ajudou e tem ajudado. Mas além do particular que foi vivenciado é preciso consultar a literatura. De acordo com Oliva, Vianna e Neto (2009) filmes têm sido utilizados como recurso terapêutico, e os filmes têm sido utilizados como recurso tanto didático-pedagógico como terapêutico. Os autores também escrevem sobre sua segurança e o seu efeito terapêutico como psicoeducação, em psicoterapia. Para Santeiro, Rossato e Rocha (2016, p. 25) “o surgimento das psicoterapias enquanto prática de atuação profissional consolidada em conhecimentos científicos despertou o interesse da indústria cinematográfica, logo as aproximações entre estas e o cinema foram inevitáveis.”

Conforme é afirmado por Santeiro, Rossato e Rocha (2016, p. 25) “a psicoterapia tem sido uma das principais formas de exposição dos profissionais e dos processos de cuidados à saúde mental no cinema.”, então estes profissionais podem cuidar da saúde mental das pessoas de muitos modos, sendo o uso de filmes uma maneira. Estes autores dizem que a imagem dos psicoterapeutas passou a ser retratada nos filmes e, segundo Oliva, Vianna e Neto (2009, p. 138) “alguns filmes passaram a ser especialmente confeccionados para que seu impacto como determinada técnica psicoterápica fosse avaliado.”

Também da experiência da autora, vem da vida escolar a lembrança de filmes assistidos na escola e que traziam mensagens de ajuda e a vencer dificuldades. Desse modo, pode ser que os filmes também tenham um efeito educativo e possam ser usados por psicólogos nas escolas ou mesmo no tratamento clínico. Segundo Franco, Barbosa e Rucinski (2019, p. 51) “Os filmes agiram como intervenções psicoeducacionais, orientando e informando os pacientes em vários aspectos, e proporcionando mudanças no cognitivo e comportamental.” E os autores escrevem que a partir da década de 50 houve mudanças onde o cinema retratava aspectos da saúde e iniciou-se o estudo de filmes na análise e tratamento de pacientes psiquiátricos.

Lima *et al.* (2019) também destacam o uso de filmes na psicoterapia como forma de intervenção em pacientes. Para os autores a “cinematerapia é usada como uma ferramenta de mediação terapêutica na psicologia.” (p. 3). Porém os psicólogos e terapeutas que fazem indicação de filmes precisam ter alguns cuidados, se o filme é adequado ao momento que o paciente passa e ao problema que o paciente tem, adequação à idade e outros aspectos e conforme Santeiro *et al.* (2014, p. 108) “evitar a utilização do material emergente para fazer considerações que invadissem a vida privada dos participantes.” Santeiro, Barboza e Souza (2016) mencionam outras orientações que é importante ter quando se pretende fazer uso dos filmes, pois

O uso de filmes comerciais também pode funcionar como mediador para o estudante lidar com aspectos práticos envolvidos em processos clínicos reais, possibilitando a ele desenvolver técnicas como as de observação, de interpretação e de formulação de hipóteses sobre casos clínicos. Todavia, é preciso ter cautela para diferenciar os personagens e os recortes que se aproximam da realidade laboral e, acima de tudo, para distinguir atitudes e posturas que seriam mais ou menos desejáveis de serem praticadas em âmbitos profissionais. (p. 63).

Os artigos escolhidos não informam que terapeutas podem ou não fazer indicações de filmes para seus pacientes, mas Heidemann *et al.* (2012) mencionam os aprendizes podem se beneficiar do uso de filmes pois por devido a sua pouca experiência poderá ter casos que eles não sabem como lidar com determinadas demandas. Eles escrevem que:

É esperado que um terapeuta iniciante, quando comparado aos experientes e amadurecidos, em geral sofra mais frequente e intensamente diante das angústias e histórias de vida apresentadas por seus pacientes. Especial importância ocuparia aqui a discussão de casos clínicos a partir de filmes, pois proporcionaria um contato distanciado, algo que o psicoterapeuta em formação só vai aprender com o tempo e a experiência. (p. 86).

Santeiro, Rocha e Barbosa (2014) explicam que o processo de formação de um psicoterapeuta não pode ser reduzido simplesmente em assistir e analisar filmes, sendo na verdade um processo importante e complexo e que apresentam muitas demandas aos psicoterapeutas em formação. Os autores escrevem que “os filmes, como mediadores de processos de ensino-aprendizagem e de construção de identidade profissional, figuram-se como uma ferramenta.” (p. 39).

Além da aprendizagem do profissional é preciso conhecer bem o filme para poder indicar aos pacientes. Lima *et al.* explicam que a repetição faz com que uma técnica se torne mais replicável e “é preciso que o terapeuta esteja engajado nas questões apresentadas pelo paciente para possibilitar a mediação adequada entre a produção cinematográfica e as demandas clínicas.” (2019, p. 12). Santeiro, Rossato e Rocha (2016) explicam que os filmes, ou partes do mesmo, podem ser utilizados como recursos para trabalhar questões que possuem que ajudam a construção da identidade profissional, eles escrevem que “existem características que não devem ser adotadas durante as psicoterapias, pois podem prejudicar tanto o bom funcionamento das intervenções quanto a própria imagem que se tem do profissional.” (p. 35). De acordo com Santeiro, Barboza e Souza (2016) os filmes comerciais apresentam limitações, mas “[...] podem funcionar como mediador para o estudante lidar com aspectos práticos envolvidos em processos clínicos reais, possibilitando a ele desenvolver técnicas como as de observação, de interpretação e de formulação de hipóteses sobre casos clínicos.” (p. 63).

Assim, Santeiro, Barboza e Souza (2016) concordam com a importância da linguagem dos filmes e que isto contribui para a formação de profissionais de psicologia e áreas próximas. É preciso que o psicólogo busque conhecer sempre as teorias que

embasam as técnicas que quiser aplicar.

Conforme é afirmado por Santeiro, Schumacher e Souza (2017) o cinema como pode vir a contribuir como ferramenta na formação de psicólogos clínicos. Muitos autores consultados escrevem sobre o uso de filmes como proposta de intervenção psicoterápica. Lima *et al.* (2019, p. 3) escrevem que a cinema terapia “tem características, vantagens, efeitos terapêuticos, objetivos, indicações e contra-indicações que fazem com que essa ferramenta seja utilizada nas diversas áreas da psicologia, principalmente na Terapia Cognitivo Comportamental.”

Este trabalho não trata dos aspectos negativos da cinema terapia, mas sim das vantagens do uso desta ferramenta. Franco, Barbosa e Rucinski, (2019) mencionam que através das metáforas dos filmes, podem acontecer intervenções que “apresentam vantagens, como não provocar resistência, sendo um modo indireto de sugerir algo.” (p. 51). Eles ainda informam que pode haver maior consciência emocional, por não se prender apenas a realidade, sendo possível ver o problema e analisá-lo como se não fosse dele próprio. Outra vantagem da cinema terapia é que o filme apresenta um enredo que prende o telespectador e o problema de interesse do terapeuta para que o seu paciente veja, aparece no enredo do filme. Assim, o paciente pode se identificar com seu problema em algumas cenas do filme, mas também tem momentos de lazer, conforme Cambra Badifi e Michel Fariña (2012, p. 196):

El cine posibilita este doble acceso debido a que produce una síntesis de las artes precedentes, al incluir elementos del teatro, la música, la fotografía, la literatura, potenciando así la gama sensible del sujeto y permitiendo ilustrar una diversidad de temas morales; y genera en el espectador un plus, un efecto no calculado, no previsto en el universo inicial, lo cual está en sincronía con la singularidad humana, abriendo así esta segunda cuerda del acontecimiento ético.

Arantes e Lopes (2016) também mencionam que um dos benefícios da cinema terapia é possibilitar que o paciente visualize suas dificuldades de forma mais confortável, fazendo com que se sinta mais à vontade para expor seus pensamentos e sentimento. Assim os pacientes se sentiram mais à vontade na sessão relacionando suas dificuldades com aquilo que foi visto no filme e conforme Prates *et al.* (2016, p. 640) “a realidade virtual possibilita a simulação de eventos ou situações reais em um ambiente controlado e relativamente seguro, oportunizando tanto para terapeutas quanto para pacientes uma ampliação do rol de possibilidades relativas ao tratamento.” De acordo com Santeiro, Schumacher e Souza sobre os filmes (2017, p. 410): “Eles permitem, assim, realizar aproximações entre as realidades fílmicas e factuais.”

A visualização de filmes como terapia não substitui o que se aprende na teoria, pois o psicólogo tem a sua formação com base científica e a cinema terapia é uma ferramenta de auxílio como já foi mencionado. Para Santeiro, Schumacher e Souza (2017, p. 410):

“Essa aproximação dos filmes com a realidade não tem a pretensão de substituir o estudo das teorias e muito menos de realizar uma transposição exata de um tipo de experiência para a outra.”

Além dos benefícios e vantagens já mencionados existem outros como o fácil acesso e o baixo custo como lembram Arantes e Lopes (2016). Assim é possível indicar os filmes para os pacientes com pouco custo. Sabemos também que os filmes podem influenciar as pessoas. Sobre este aspecto Arantes (2014) escreve que:

Considerando a popularidade dos filmes, a facilidade de acesso a essa mídia e, principalmente, a forte influência que eles exercem sobre a formação das crianças, podemos considerar que utilizar esse material como uma ferramenta psicoeducativa pode ser uma alternativa bastante útil e interessante.

Conforme os nossos objetivos escolhemos os filmes que consideramos mais adequados para usar em terapias. Abaixo segue o quadro destes filmes.

Filme	Nacionalidade	Diretor	Genêro
Como estrelas na terra	Índia	Aamir Khan	Comédia Dramática
Hair Love	EUA	Matthew Cherry	Animação
Jimmy: Um elo de amor	EUA	Mark Freiburger	Drama
Duelo de Titãs	EUA	Boaz Yakin	Drama Biográfico
O quarto de Jack	Canadá	Lenny Abrahamson	Drama
Precisamos falar sobre Kevin	EUA	Lionel Shriver	Suspense
Extraordinário	EUA	Stephen Chbosky	Comédia Dramática
Lion: A longa estrada para casa	Austrália	Garth Davis	Drama
A onda: A contaminação fascista	Alemanha	Dennis Gansel	Drama
Um sonho possível	EUA	John Lee Hancock	Drama Esportivo
Divertidamente	EUA	Peter Docter	Animação Familiar
A cura	EUA	Peter Horton	Comédia Dramática
Uma missão especial: Uma viagem inesperada	EUA	Greeg Champion	Drama
Desafiando gigantes	EUA	Alex Kendrick	Drama Esportivo

Os incríveis	EUA	Brad Bird	Ação
Up: Altas Aventuras	EUA	Pete Docter	Animação

Quadro 6 – Classificação dos filmes selecionados.

Fonte: autoria própria, 2020.

6.2 O uso dos filmes no atendimento psicológico aos pacientes

A história do cinema é relativamente recente, iniciou em 1895 e foi se desenvolvendo. Segundo Santeiro, Schumacher e Souza (2016) o surgimento da psicologia clínica é contemporâneo ao do cinema. A psicologia como disciplina surgiu em 1879 na Alemanha e a psicologia clínica foi mencionada por Lightner Witmer nos fins do século XIX.

Porém o uso dos filmes por profissionais de psicologia é ainda mais recente. Franco, Barbosa e Rucinski (2019, p. 47) escrevem que “Em 1960, os estudos referentes ao uso de filmes como métodos terapêuticos cresceu, sendo realizados ensaios comportamentais com pacientes que apresentavam fobias específicas e ansiedades com resultados que mostraram a eficácia desta técnica.”

Mas, apesar deste início do uso dos filmes em psicoterapia, isto não era bem aceito por todos os terapeutas. De acordo com Fernandes (2005, p. 69): “A psicanálise reduzida a um trabalho artesanal de seletas elites e o cinema designado a preencher a função de divã dos pobres.” Então havia desentendimentos entre os profissionais e também havia preconceito, é o que se percebe pelo que o autor escreve e havia posições muito diferentes e opostas entre os psicólogos e outros profissionais afins. Conforme é afirmado por Fernandes (2005, p. 69): “A psicanálise era a ciência da palavra e cinema arte do silêncio.”

Fernandes (2005) escreve que quem assiste filmes se coloca no lugar do personagem principal e assim “A câmera ocupa sempre o lugar do sonhador, e essa particular relação do sujeito com os objetos da percepção cria a impressão de que os acontecimentos se processam no momento presente.” (p. 72). Por isto os filmes podem ser usados como uma ferramenta útil pelos terapeutas. Outros autores também escrevem como a cinema terapia vem auxiliando o trabalho dos psicólogos com seus pacientes. Conforme é afirmado por Arantes e Lopes (2016, p. 46): “O uso de filmes favoreceu o engajamento do paciente com o processo terapêutico.” Estes autores informam que (2016, p. 46) “O uso de filmes com crianças e adolescentes no contexto clínico parece ser uma boa forma de intervenção.”

Os problemas apresentados pelos pacientes são de caráter negativo e por este motivo é que profissionais de psicologia buscam fazer a indicação de filmes que tem a ver com a dificuldade dos seus pacientes. A indicação de filmes ou de cenas é feita por psicólogos aos seus pacientes para amenizar o caráter negativo trazido por eles para as sessões de psicologia. Isto é o que escrevem Arantes e Lopes (2016, p. 52): “As cenas

indicadas podem amenizar o caráter negativo dos esquemas, sem que sua importância e urgência de mudança sejam diminuídas.” As dificuldades ou os problemas dos pacientes terão uma diminuição no decorrer das sessões.

Constata-se pelas leituras que foram realizadas que a cinema terapia tem tido mais importância no campo da psicologia. Conforme Rocha, Oliveira e Gonçalves (2015, p. 30) “A cinema terapia ou uso de filmes durante o processo psicoterápico torna-se ponto de discussão importante no manejo clínico.” A cinema terapia não é solução para todos os problemas que os pacientes trazem para os terapeutas, mas é uma opção que o psicólogo pode fazer uso. Conforme é afirmado por Batista (2016, p. 6): “Discutir sobre os comportamentos das personagens nas situações apresentadas pelos filmes, por sua vez, pode contribuir para o desenvolvimento de repertórios comportamentais mais assertivos para resolução de problemas.”

Este trabalho é direcionado para crianças e adolescentes, pois precisamos fazer um recorte para o estudo e também a teoria escolhida de Aaron Beck, a TCC, se aplica para processos cognitivos e comportamentais que são próprios desta faixa etária. Muitos autores da maneira como escrevem se aproximam deste entendimento, fazendo uso dos filmes como psicoeducação. Segundo Batista (2016, p. 33):

O trabalho com os filmes durante os atendimentos também pode acontecer de modos variados: discussões sobre a história e as personagens; identificação de situações no cotidiano da criança que se assemelhem às apresentadas na história; brincadeiras para reinventar trechos do filme ou para imaginar as personagens na situação da criança ou a criança no ambiente da história; brincar de imitar as personagens, dentre outros.

Entendemos que quando tratamos da psicoeducação, o psicólogo fica mais próximo das vivências dos seus pacientes que são crianças e adolescentes, pois muitos filmes podem ajudar os terapeutas a colocarem em prática a psicoeducação com seus pacientes e assim eles terão êxito para conseguir as mudanças que precisam ser alcançadas com relação ao comportamento. Para Batista é preciso informações mais completas sobre os comportamentos da criança com um bom planejamento e “intervenções mais assertivas para aquela demanda, o desenvolvimento, ampliação e manutenção de diferentes repertórios comportamentais, favorecendo uma melhor adaptação da criança em seu ambiente social.” (2016, p. 35). Conforme Arantes e Lopes (2016, p. 46):

Um personagem que vivencie situações e reações semelhantes às da criança facilita a sua expressão e, conseqüentemente, a compreensão do terapeuta sobre as representações da criança acerca de si, do mundo e do futuro. A partir de então, o profissional pode psicoeducar a criança e seus pais, levando-os a compreender o porquê do sofrimento e a necessidade de mudança.

Conforme mencionamos anteriormente com relação a criança assistir filmes para que na sessão seguinte o profissional de psicologia trate com ela sobre o que foi visto é preciso que seja feito um planejamento. Esse planejamento é importante pois se o paciente assiste algum filme que foi indicado pelo terapeuta e ele assiste logo depois que aconteceu a sessão pode ser que para a outra sessão, ele se esqueça do que foi visto. Isto pode acontecer porque durante aquela semana até o dia da nova sessão o paciente poderá ter que fazer atividades escolares e quando chegar o dia da nova sessão não se lembrará do que visualizou no filme. De acordo com Arantes (2014, p. 136) “Quando a criança pequena assiste ao filme durante a semana, como tarefa de casa, ela pode não se lembrar das cenas assistidas quando chegar à terapia.” Essa indicação do terapeuta para que uma criança veja um filme pode ser feita aos seus pais, ou diretamente para os adolescentes e pode ser lembrado para assistir o filme indicado na véspera ou mais próximo da sessão seguinte. Batista (2016) explica uma outra maneira que o psicólogo pode adotar para fazer uso da cinema terapia, que pode ser:

Assistindo ao filme inteiro durante uma ou mais sessões ou apenas a alguns trechos que o terapeuta considera mais relevantes, ou mesmo como uma proposta de sessão extra no consultório, com o terapeuta e a criança indo juntos ao cinema, com ou sem a companhia de outras pessoas que façam parte do círculo social da criança. (p. 33).

O uso de filmes é uma atividade de lazer como já foi mencionado neste trabalho, mas estamos procurando destacar os seus benefícios na psicoterapia. Os filmes permitem que os pacientes se aproximem dos personagens e se identifiquem em situações do filme e isto pode ser usado no trabalho do psicólogo para se obter melhoras no tratamento com o paciente. Batista (2016) traz mais um exemplo de como isto pode ocorrer e ele escreve que “Desse modo, e com destaque para a utilização de filmes infantis, o comportamento verbal da criança se desenvolve, por exemplo, em discussões acerca da história apresentada, quando ela e o terapeuta opinam sobre o tema do filme.” (p. 5).

Conforme é afirmado por Arantes (2014) filmes animados, compostos por muitas cores, sons e movimentos, por personagens marcantes e divertidos, características que contribuem a sua aplicação na psicoterapia infantil, pois com as crianças durante o tratamento é importante trabalhar de forma lúdica. Enquanto os adolescentes não teriam paciência para intermináveis sessões de psicoterapia e a cinema terapia poderá ser mais atrativo e comprometer o adolescente com o tratamento. Santeiro, Menezes e Bravin (2016) mencionam que os filmes têm poder lúdico e didático. Lúdico porque geram diálogos e encontros entre os espectadores e constroem linguagens que podem introduzir temáticas e realidades humanas desconhecidas ao espectador.

Para estas faixas etárias Batista (2016) diz que o uso destes recursos na terapia possibilita o desenvolvimento, por parte da criança, de diversos repertórios comportamentais, dentre eles: o comportamento verbal, pois aprende a descrever seus sentimentos e seus

pensamentos, adquire novo vocabulário e aumenta a fluência verbal; comportamentos criativos, ao descobrir novas formas de solucionar problemas e considerar diferentes perspectivas sobre uma mesma situação e uma visão crítica da realidade.

Batista também fala da importância da participação dos familiares no processo de tratamento e que este envolvimento permite que assim “a aprendizagem dos novos comportamentos seja levada a outros contextos além do consultório, favorecendo sua generalização e o contato da criança com contingências que a coloquem em contato com diferentes possibilidades de reforço.” (2016, p. 34). E esta autora também escreve que:

Essas possibilidades contribuem para que o terapeuta tenha mais informações sobre a criança, sua família e outros contextos com os quais ela tenha contato, baseando-se nesses dados para planejar intervenções assertivas para aquela demanda, e desenvolvendo, ampliando ou mantendo novos repertórios comportamentais como o comportamento verbal, o seguimento de regras e autocontrole (2016, p. 34).

Assim, o psicólogo que quiser inserir a cinema terapia nos processos de atendimento de seus pacientes deve levar em consideração que o filme deve ser indicado a uma queixa específica do paciente. Deve preparar adequadamente o paciente para o filme selecionado e pedir ao paciente que anote e relate o que lembrar, como sentimentos e pensamentos em relação ao filme. (ARANTES, 2014; ROCHA, OLIVEIRA E GONÇALVES, 2016). Pois, conforme é afirmado por Lima, Toledo, Lizardo e Madalena (2019, p. 12): “É necessário ter em vista que a exibição dos filmes por si só não promove mudanças.” Sempre que possível, o psicólogo deve fazer uma análise do processo de mudança ocorrido com o personagem e os comportamentos deste que contribuíram para este processo.

Os autores pesquisados mencionam muitos cuidados que os terapeutas devem ter ao utilizarem a cinema terapia como ferramenta auxiliar no tratamento de seus pacientes. Santeiro, Rocha e Barbosa (2016) escrevem que os filmes não são cuidadosamente pensados e articulados com teorias e práticas profissionais. Sempre é necessário priorizar as teorias psicológicas para planejar os atendimentos em sua atuação profissional.

Para Santeiro, Barboza e Souza (2016, p. 52) “cabe observar que o uso inadequado desses recursos pode afetar negativamente o funcionamento egóico, favorecendo o desenvolvimento de transtornos psicológicos.” Neste caso, ao invés de ajudar, haveria prejuízos. Por isto, como psicólogos em formação e mesmo os terapeutas que já estão atuando, devem estar atentos para Arantes (2014) quando escreve que a cinema terapia só atinge seus objetivos quando há uma identificação do paciente com o personagem de cena, pois para que uma história tenha efeito terapêutico ela precisa apresentar um protagonista que seja interessante e envolvente, além de possuir características semelhantes a quem assiste. De acordo com esta autora a identificação do paciente com o personagem deve ter alguns efeitos que beneficiam o tratamento, especialmente a psicoeducação. Outro efeito interessante que a pessoa sente é perceber que não é a única com o mesmo tipo de

dificuldade. As histórias apresentam conceitos complexos de forma simplificada, sendo que o terapeuta deve demonstrar interesse pelo conteúdo apresentado.

Sabemos que existem muitos filmes que podem ser usados ou indicados pelos psicólogos para o tratamento coadjuvante de seus pacientes, mas, pela limitação própria do trabalho escolhemos alguns e apresentamos no quadro abaixo estes filmes. No quadro 7 consta o filme e as dificuldades ou transtornos identificados. Assim, aos pacientes que apresentarem tais problemas, poderá ser indicado o respectivo filme. Também elaboramos resumos dos filmes que podem ser consultados e que constam no Apêndice.

Filme	Ano	Conteúdo
Como estrelas na terra	2007	Dislexia: dificuldade para ler e escrever associada com abaixo autoestima
Hair Love	2019	Paternidade colocada em prática: dificuldades de ajustes no relacionamento entre pai e filha
Jimmy: Um elo de amor	2004	Dificuldades sociais decorrentes do autismo
Duelo de Titãs	2000	Tensões raciais no esporte e luta contra o racismo
O quarto de Jack	2015	Criação de um universo rico em um confinamento a partir das dificuldades do menino em aceitar a realidade do isolamento
Precisamos falar sobre Kevin	2011	Transtorno de Personalidade e dificuldades de relacionamento familiar e escolar
Extraordinário	2017	Bullying, discriminação e desafios de adaptação para inclusão escolar
Lion: A longa estrada para casa	2016	História de perda da família, desafios para sobreviver sozinho até ser adotado e busca pela família biológica
A onda: A contaminação fascista	2008	Idealização e aceitação ao movimento do fascismo e reflexão sobre o medo de movimentos extremistas como o nazismo
Um sonho possível	2009	Falta de uma família e busca de uma família, história real de esporte, de estudo e de uma nova família
Divertidamente	2015	Sentimentos de alegria, medo, nojo, raiva e tristeza expressados por uma pré-adolescente em transição para a adolescência
A cura	1995	Tentativa de encontrar uma solução para ser curado da AIDS, expectativa de encontrar a cura e morte do personagem principal no final do filme
Uma missão especial: Uma viagem inesperada	2004	História real de irmãos gêmeos diagnosticados com autismo
Desafiando Gigantes	2006	Dificuldade de exercer liderança, dificuldade de relacionamento com a equipe esportiva e desajuste familiar por não poder ter filhos.
Os incríveis	2004	Desencontro e desunião familiar
Up: Altas Aventuras	2009	Autossuficiência, personagem não aceita ajuda de criança

Quadro 7 – Filmes com os transtornos ou problemas identificados

Fonte: autoria própria, 2020.

Reafirmamos mais uma vez que o recurso dos filmes pelos psicólogos deve ser feito com planejamento, com ética para não expor o paciente a constrangimentos e deve ser respeitado a classificação etária determinada pelos órgãos responsáveis por esta classificação. Dos filmes sugeridos há alguns que são apropriados para crianças e outros que são indicados para adolescentes.

O uso dos filmes é uma proposta de trabalho para a atuação dos psicólogos e partiu da experiência da autora deste trabalho. Mas, tanto para o profissional como para os pacientes “é um produto do aprendizado; é somente através do treino, da disciplina e da experiência que os potenciais psicológicos de um indivíduo podem ser postos em uso” (JERSILD, 1977, p. 523) e isto se consegue aos poucos, com amadurecimento. Para Krech e Crutchfield (1980, p. 530) “na medida em que a pessoa tiver força e liberdade para experimentar a natureza dos seus próprios sentimentos, e para estar à vontade com eles, é que ela poderá responder com sentimento ao que outrem estiver experimentando.”

Assim, a cinema terapia pode ser usada com critérios adequados e acima de tudo com o cuidado por cada paciente, com amor que dá liberdade para atuar, pois, segundo Jersild (1977, p. 251) “Onde existe amor, existe liberdade para aventurar, para correr o risco de cometer enganos sem se sentir paralisado pelo medo da punição, liberdade para experimentar o arrebatamento de outras emoções.”

7 | CONCLUSÃO

Como já escrevemos anteriormente neste trabalho os filmes sempre estiveram presente em nossas vivências. O que também vem acontecendo durante o tempo de confinamento devido a pandemia que ocorre neste ano de 2020 provocada pelo COVID-19. Como os filmes são utilizados nas escolas e mesmo os professores do curso de Psicologia utilizaram filmes em suas aulas, então se pensou em fazer o trabalho com o objetivo de usar filmes como ferramenta para realizar a psicoterapia.

O passo seguinte foi procurar sobre o assunto na literatura existente e encontrou-se material para fundamentação e para fazer a redação do trabalho. Os artigos selecionados sobre cinema terapia, psicoterapia e outros autores da psicologia permitiram o desenvolvimento de todo o trabalho juntamente com os demais autores da psicologia e da psicoeducação.

Para usar os filmes na psicoterapia é preciso ter objetivos claros e definidos e precisa planejamento por parte do psicólogo. Assim, se pensou em identificar os transtornos abordados nos filmes assistidos e identificar filmes para os diferentes transtornos psicológicos apresentados pelos pacientes. Vários filmes foram assistidos o que permitiu a identificação de transtornos e dificuldades. Podendo assim trazer uma contribuição para os futuros psicólogos e para aqueles que já estão atuando.

Como recomendação para atendimento clínico pensamos que a cinema terapia pode

ser utilizada com planejamento, com um bom conhecimento do paciente e de seu caso clínico. Sabemos que os psicólogos devem ter sempre presente as teorias psicológicas e fazer dos filmes um tratamento auxiliar. Este uso dos filmes pode ser feito inicialmente para iniciar um diálogo entre o terapeuta e o paciente ou como uma ferramenta complementar em algum outro estágio do tratamento.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Carolina Faria. **Cinematrapia**: Uma proposta psicoeducativa segundo a teoria de Jeffrey Young. Serviço Público Federal. Ministério da Educação. Universidade de Uberlândia. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia; Uberlândia, 2014: p. 1-176.

ARANTES, Carolina Faria; LOPES, Renata Ferrarez Fernandes. Cinematrapia: Uma proposta psicoeducativa baseada na Terapia do Esquema. **Mudanças: Psicologia da Saúde**. v. 24; n. 1, Janeiro à Junho de 2016. p. 45-53.

BADIFI, Irene Cambra; FARINA, Juan Jorge Michel. Cine y psicoterapia: La complejidad ético-Clínica a través de la lectura analítica de filmes. **Anuario de Investigaciones**; Volumen: 19, 2012, p. 195-202.

BATISTA, Elisa Pozzato. **Uma Análise do Comportamento Governado por Regras em Filmes Infantis**: Possíveis propostas de intervenção na Terapia Analítico-comportamental infantil. Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento. Especialização em Terapia Analítico-Comportamental Infantil. Brasília; Outubro, 2016: p. 1-44

BECK, Aaron T.; FREEMAN, Arthur; DAVIS, Denise. **Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade**. Traduzido por Alceu Edir Fillman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BECK, Aaron T.; FREEMAN, Arthur; DAVIS, Denise. **Terapia cognitiva de los trastornos de personalidad**. p. 1-312: 2017.

BECK, Judith S.; **Terapia Cognitiva-Comportamental**: Teoria e Prática. Tradução: Sandra Mallman da Rosa. Revisão Técnica: Paulo Knapp e Elizabeth Meyer. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014: p. 1-399.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; GONZALEZ, Márcio Hernandez; MUSIELO, Anna Maria. Efeitos de variáveis socio-econômicas e de variáveis da tarefa no desempenho de crianças na prova de classificação livre. *Psicologia do Desenvolvimento*. Arquivo Brasileiro de Psicologia: Rio de Janeiro, v. 36; n. 4, 1984: p. 90-101.

FERNANDES, Ana Lúcia Sampaio. Cinema e Psicanálise. **Estudos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, n. 28; p. 69-74, Setembro de 2005.

FIORINI, Guilherme Pacheco; GASTAUD, Marina Bento; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Comparando a Psicoterapia Psicodinâmica de uma menina com modelos de Psicoterapia Psicodinâmica e Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Psico**; v. 50, n. 3: Porto Alegre. 2019, p. 1-12.

FRANCO, Suelen Dulce; BARBOSA, Felipe Miranda; RUCINSKI, Guidie Elleine Nedochetko. Oficina de cinema como método terapêutico em um centro de atenção psicossocial. **Revista Psico Fae**: Pluralidades em Saúde Mental. Curitiba, v. 8; n. 1, p. 43-56; Janeiro à Junho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Quinta Edição; São Paulo: Atlas, 2017.

HEIDMANN, Cintia Vasquez Cruz; MONTAGNER, Rachel; BRUNSTEIN, Miriam; EIZIRIK, Cláudio. O cinema no ensino da psicoterapia psicodinâmica. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v. 14; n. 1, p. 76-91: 2012.

JERSILD, Arthur T. **Psicologia da Adolescência**: Primeira edição em 1957. The Psychology of Adolescence. Segunda edição em 1963. Tradução de José Severo de Camargo Pereira; Sexta Edição: Companhia Editora Nacional; São Paulo: Brasil, 1977.

KRECH, David; CRUTCHFIELD, Richard. **Elementos de Psicologia**. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. Sexta Edição: São Paulo; Pioneira, 1980.

LIMA, Camila Ferreira; TOLEDO, Júlia Lopes; LIZARDO, Marcela Burjaily; MADALENA, Tatiana da Silveira. Cinematerapia como proposta de intervenção: Uma revisão sistemática. Congressos, Colóquios ANALECTA, Seminários e Simpósios. v. 5; n. 5, p. 1-15: 2019.

Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/ANL/article/view/2366/1585> Acessado em: 10/04/2020.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografia como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: Um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Décima terceira edição. Petrópolis, Vozes, 2015; p. 137 à 155.

MARBACK, Roberta Ferrari; PELISOLI, Cátula. Terapia cognitivo-comportamental no manejo da desesperança e pensamentos suicidas. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. 2014, v.10; n.2, p. 122-129.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; 2016.

NOGUEIRA, Carlos André; CRISOSTOMO, Kelly Nunes; SOUZA, Rafaela dos Santos; PRADO, Jessica de Macedo do. A importância da psicoeducação na terapia cognitivo-comportamental: Uma revisão sistemática. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano – Higia**, 2017; v.2: n.1, p. 108 – 120.

OLIVA, Vitor Hugo Sambati; VIANNA, Andrea; NETO, Francisco Lotufo. Cinematerapia como intervenção psicoterápica: Características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo comportamentais. **Revista Psiquiatria Clínica**. 2010, v. 37; n. 3, p. 138-144.

PUREZA, Juliana da Rosa; RIBEIRO, Agliani Osório; PUREZA, Janice da Rosa; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Fundamentos e aplicações da Terapia Cognitivo-Comportamental com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicoterapia**: v. 16; n.1, 2014. p. 85-103.

PRATES, Priscila Flores; PACHECO, Alysson Oliveira; SANTOS, Bruna Staevie dos; SILVA, Renan Meirelles da; FERRAZ, Raul Correa; VASCONCELLOS, Silvio José Lemos. Realidade virtual nas técnicas da Terapia Cognitivo-Comportamental: Transtornos de Traumas, Ansiedade e Depressão. **Psicologia Clínica e Psicanálise**: Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro; v. 6, n. 2; p. 624-643, 2016.

ROCHA, Viviane Vedovato Silva; OLIVEIRA, Maria Carolina Fontana Antunes de; GONÇALVES, Fabiana Ferreira Guerrelhas. O uso de filmes como estratégia terapêutica na prática clínica. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. v. 8; n. 1, p. 22-30, 2016.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Décima terceira edição. Petrópolis, Vozes, 2015. p. 343 à 364.

SANTEIRO, Tales Vilela; BARBOZA, Leylane Franco Leal; SOUZA, Ludimila Faria. Casos clínicos retratados no cinema: Estudo de processos defensivos. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v. 18; n. 2, p. 50-66: 2016.

SANTEIRO, Tales Vilela; MENEZES, Vanessa Assis; BRAVIN, André Amaral. Família e Dependência Química ilustrados no Cinema (2005-2014): Uma Perspectiva Psicodinâmica. **Pensando Famílias**. v. 20; n. 1, Julho de 2016; p. 126-141.

SANTEIRO, Tales Vilela; ROCHA, Glaucia Mitsuko Ataka da; BARBOZA, Leylane Franco Leal. Mercedes no Divã: da comédia ao uso didático na formação de psicoterapeutas. **Revista Brasileira de Psicoterapia**: v. 15; n.3, p. 28-41: 2014.

SANTEIRO, Tales Vilela; ROSSATO, Lucas; ROCHA, Glaucia Mitsuko Ataka da. Psicoterapeutas e processos psicoterapêuticos no cinema: Diálogos psicanalíticos sobre formação profissional. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. v. 18, n. 1; Abril de 2016. p. 23-39.

SANTEIRO, Tales Vilela; SANTEIRO, Fabíola Ribeiro de Moraes; SOUZA, Aurélio Magalhães de Oliveira; JUIZ, Ana Paula de Melo; ROSSATO, Lucas. Processo grupal mediado por filmes: Espaço e tempo para pensar a Psicologia. **Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. v. 15, n. 1; p. 95-111: 2014.

SANTEIRO, Tales Vilela; SCHUMACHER, Joice Veridiane; SOUZA, Tatiana Machiavelli. Cinema e Violência contra a mulher: Contribuições à formação do Psicólogo Clínico. **Temas em Psicologia**. Junho de 2017; v. 25, n. 2; p. 401-413.

VELEDA, Gessyka W; MOLINA, Mariane L; SILVA, Ricardo A; JANSEN, Karen, NEUFELD, Carmen B; e SOUZA, Luciano D. M. Efeito da terapia cognitivo-comportamental um ano após tratamento para adultos com transtorno depressivo maior. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21; n.3, p. 323-344: 2019.

WOOD, John Keith. **Abordagem centrada na pessoa**. Vitória: fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 24, 25, 26, 29, 31, 33, 113, 132, 147, 150, 158, 160, 161, 167, 168, 169, 170

Aquarela 115

Atividade 10, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 118, 120, 128, 133, 134, 138, 145

Autolesão 24, 27, 30

B

Bem-estar 11, 33, 76, 77, 80, 84, 85, 94, 97, 105, 106, 107, 108, 113, 116

Bienestar Social 181

Bissexualidade Psíquica 15, 16

C

Cinema terapia 11, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145, 146, 148

Complementaridade dos Sexos 10, 15, 16

Cuidado en salud mental 10, 65

Cultura 15, 16, 38, 39, 40, 41, 43, 56, 58, 59, 64, 66, 70, 71, 73, 74, 88, 101, 103, 107, 119, 121, 155, 159, 173, 193

Cutting 9, 10, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34

D

Depressão 11, 16, 27, 106, 107, 136, 150, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 168, 169

Depressão na Adolescência 158, 160, 161, 167, 168

Dimensiones de la personalidad 171, 174

E

Edadismo 44, 46, 47, 48, 51, 55

Educação 20, 57, 58, 59, 63, 64, 105, 108, 109, 113, 114, 137, 149, 193

Enfoque intercultural 65

Enfoque relacional 65, 69, 72, 74

Envejecimiento poblacional 44, 55

Estilo de Vida Saludable 181

Estudio de Caso 1, 2, 4, 10

Etiologia Psíquica 24, 26, 27, 28, 29

F

Formação em Psicologia 44

G

Gerontologização de las profesiones 44, 46

H

História da Psicologia 152

I

Inconsciente 9, 1, 3, 4, 8, 25, 29, 36, 37, 38, 116, 117, 118, 125, 168, 193

Inovação Social 11, 76, 78, 79, 80, 84, 85, 86

Investigación Cualitativa 181

M

Metamodernidad 10, 35, 36, 39, 40, 41, 42

Metodologia Científica 152

Métodos de Observação 152

Modernidad 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43

P

Personalidad 12, 2, 3, 8, 38, 47, 70, 137, 149, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Posmodernidad 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43

Promoción de la Salud 181

Psicanálise 9, 15, 17, 22, 23, 24, 29, 34, 130, 135, 143, 149, 150, 161, 169, 193

Psicogerontología 44, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 56

Psicologia 2, 9, 10, 11, 19, 21, 22, 24, 34, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 64, 73, 74, 76, 77, 78, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 101, 102, 103, 104, 107, 114, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 137, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 168, 169, 193

Psicologia Comunitária 76, 77, 78

Psicoterapia Infantil e Juvenil 126

Pulsão 9, 10, 15, 19, 20

R

Restos Diurnos 1, 8

S

Saúde Mental 9, 11, 24, 94, 95, 103, 105, 106, 107, 108, 113, 115, 116, 118, 119, 124, 131,

139, 149, 154, 160, 169

Sentido 10, 1, 4, 8, 11, 21, 25, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 40, 42, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 70, 72, 74, 79, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 105, 106, 107, 118, 129, 132, 159, 161, 174, 185

Sexualidade 9, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 160

Símbolos 67, 115, 117, 119, 121, 124, 159

Sueño 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

T

Teoria Histórico-Cultural 10, 57, 58, 60, 62, 64

Terapia Cognitiva Comportamental 126, 127, 128, 130, 131, 132, 134, 138

Teste da Árvore 158, 159, 169

Testes Projetivos 158, 161

Trastornos Mentales 38, 181

V

Valores Interpersonales 12, 171, 174, 175, 177, 178, 179

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

INVESTIGAÇÕES CONCEITUAIS, FILOSÓFICAS, HISTÓRICAS E EMPÍRICAS DA PSICOLOGIA

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020